



**DOSSIÊ TEMÁTICO**  
**SEMINÁRIO VIRTUAL PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE O TRABALHO NO TURISMO**

**AS METAMORFOSES DO MUNDO DO TRABALHO E O  
PROLETARIADO DE SERVIÇOS/TURISMO**

Ricardo Antunes<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta apresentação pretende indicar algumas das principais tendências que vem ocorrendo no mundo do trabalho e em particular, no que denominamos como novo proletariado de serviços.

**Palavras-chave:** novo proletariado de serviços; nova morfologia do trabalho; serviços e valor; indústria de turismo.

O trabalho em turismo é certamente muito importante. Eu vou procurar mostrar aqui no tempo que nós temos o que vem acontecendo no mundo do trabalho e, em particular no setor de serviços, de modo que a gente possa entender um pouco mais aquilo que dá substrato a esta indústria de turismo e que é a forma pela qual as relações de trabalho são plasmadas.

Nós sabemos que o capitalismo, desde a revolução industrial, trouxe uma profunda transformação no plano das relações de trabalho, no plano das formas de organização e no plano do processo de criação de riquezas, e a indústria foi o primeiro polo em que o capitalismo se desenvolveu. O elemento distintivo e fundamental que diferencia o capitalismo da sociedade feudal anterior é a explosão da indústria, a criação de uma massa imensa de trabalhadores e trabalhadoras disponíveis para exercer o trabalho fabril, a acumulação privada do excedente e a sua geração de mais valor, de riqueza, também apropriados pelas classes proprietárias.

O capitalismo nasceu a partir da explosão da indústria. O que tínhamos antes, o capital mercantil e as primeiras formas de desenvolvimento mais intenso do comércio, configuram aquela fase primitiva ou preparatória da constituição do capitalismo. E o capitalismo industrial deu origem a expansão do proletariado industrial, daquele proletariado que se expandiu nas fábricas, inicialmente na Inglaterra, em Manchester, que

---

<sup>1</sup> Ricardo Antunes é Professor Titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Contato: [rlcantunes53@gmail.com](mailto:rlcantunes53@gmail.com) /ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9035-0033>



era uma cidade inglesa, não é, no noroeste da Inglaterra, onde se deu o início da expansão da indústria Mundial capitalista.

A indústria, no sentido da transformação da natureza, já existia desde as sociedades primitivas, não é. Quando o primeiro ser social, homem ou mulher, pega uma pedra e começa a lapidar essa pedra, ele está criando um instrumento que vai ser vital para que ele possa se defender, para que ele possa, por exemplo, cortar os animais para sua alimentação, entre tanto outros elementos. No entanto, a transformação capitalista da indústria se deu com a revolução industrial, meados do século XVIII.

Na sequência da revolução industrial, nós tivemos uma enorme transformação capitalista da terra. Marx trata da renda da terra n' *O Capital*, a sua verdadeira obra prima, onde demonstra que a fazenda, ou a propriedade rural de tipo feudal vai pouco a pouco sendo transformada, sendo permeada por relações de produções capitalistas, gerando o proletariado rural, e o proletariado rural se expande amplamente pelo mundo no século XIX. Engels também fez um estudo importante sobre o campesinato que chamou a atenção para o nascente do papel que o proletariado rural passava a ter dentro dessa transformação. Não é que o trabalhador do campo tenha nascido aí. O trabalhador do campo já existia na Idade Média, nas comunidades primitivas, no mundo antigo greco-romano, só que, a partir do século XVIII para o XIV, nós tivemos a proletarianização do trabalhador rural.

A partir do final do século passado, da década de 1970 em diante, a partir do período de 1968-1973, o mundo do capital viveu uma *crise estrutural* de muita profundidade. O ano de 1968, por exemplo, marcou o período de explosões sociais no mundo inteiro: França (a explosão do maio de 1968 começou na França); Inglaterra; Alemanha; na América Latina; no Brasil tivemos as manifestações estudantis e operárias de 1968; no México; em Córdoba, na Argentina; em 1969, outono-quente na Itália, o *outono-caldo* como eles chamaram essas lutas operárias. Nós tivemos a invasão russa na Tchecoslováquia em 1968 também. *1968 foi o ano em que tudo que parecia sólido começou a desmanchar.*

A partir daí, a partir desta crise estrutural profunda, com a derrota da rebeliões de 68, o capitalismo se redesenhou, sustentado por uma trípode destrutiva: um ideário neoliberal, que vai se tornar dominante a partir da vitória de Margareth Thatcher na Inglaterra, em 1979, mas seria importante já lembrar que o primeiro grande ensaio neoliberal foi a ditadura militar de Pinochet, no Chile, que exercitou uma forma de poder profascista, ditatorial e militarizada, em que se recorreu à política econômica dos *Chicago boys*, uma política econômica neoliberal.

Aliás, o Paulo Guedes, atual ministro deste governo, foi professor da Universidade no Chile durante a ditadura militar, onde só quadros de extrema direita afinados com a ditadura podiam trabalhar, porque tinha havido uma brutal repressão. A mais violenta de todas as ditaduras militares certamente foi a chilena, a mais horripilantes de todas elas.

Então, o neoliberalismo, a hegemonia do capital financeiro (segundo elemento central desse tripé) e um imenso desenvolvimento técnico informacional digital (terceiro elemento do tripé), que começou com o ingresso dos computadores no mundo das



empresas e, a partir deles, elas puderam viver uma profunda transformação tecnológica dentro da ordem capitalista, tudo isso deixando de lado aquele padrão taylorista e fordista dominante, magistralmente mostrada no filme por Charles Chaplin, “Tempos Modernos”.

Quem quiser saber o que é o capitalismo taylorista e fordista com mais detalhes (eu pude tratar isso no meu livro “Adeus ao trabalho” e também em “Os Sentidos do trabalho”, onde indico uma literatura vasta sobre isso), a melhor aula para se entender o que é o mundo taylorista e fordista é assistir àquela obra-prima do cinema do século XX, “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin.

E desde então aquela fábrica começa a ser transformada em uma fábrica mais flexível, mais enxuta, mais computadorizada, mais digitalizada, mais dotada de componentes informacionais digitais, porque a tecnologia passou a ter um forte comando das corporações sob hegemonia do capital financeiro e conduzida pelo ideário neoliberal, em síntese o pior dos mundos possíveis. E por quê? Porque essa nova fábrica, esta nova empresa capitalista, tinha em seu ideário neoliberal a proposição de privatizar tudo. Tudo que até então não fosse privatizado e que pudesse gerar lucro e mais-valia passou a ser cobiçado pelo capital.

É aí que entra o setor de serviços, porque, neste momento, especialmente a partir da década de 70 do século passado, o setor de serviços se transformou ainda mais intensamente. Como ocorreu com a indústria a partir do século XVIII, com a agricultura especialmente a partir do século XIX, no final do século XX, transformam-se os serviços que, até meados do século XX realizava muitas atividades eminentemente públicas: saúde, educação, previdência, telefonia, sistema de água, sistema de energia, transportes etc., mesmo as mais distintas atividades no setor de serviços tinham uma prevalência pública, da *rés pública*.

É neste momento de hegemonia neoliberal, hegemonia financeira e de um alto incremento tecnológico capitalisticamente desenhado que o setor de serviços começa a ser fortemente privatizado, *comoditizado* e *mercadorizado*. O resultado disto é que quase tudo que era público no setor de serviços, como educação, saúde, previdência, estradas, transportes, ferroviário, rodoviário, quase tudo que tinha forte presença pública, foi privatizado e tornou-se lucrativo, e, ainda mais, muitas vezes gerador de mais-valia. Como nós vamos ver na sequência, isto fez com que os setores de serviços vivessem, no último quartel do século XX e nesses primeiros 20 anos deste novo século, um monumental processo de transformação capitalista, do que as chamadas plataformas digitais hoje são exemplo monumental.

Se há 10 anos atrás fôssemos ver quais eram as principais empresas, as mais valorizadas do mundo, nós teríamos: *General Motors*, *IBM*, *Coca-Cola*, *Toyota*, *Ford*, *Fiat*. Se formos olhar hoje, as empresas mais valorizadas do mundo são: o complexo corporativo da *Amazon*, *Google*, *Uber*, *Facebook*, junto de uma série de outras empresas que não param de se expandir, a própria *Airbnb*, que tem muito a ver com a área do turismo, as plataformas digitais, como *iFood*, *Rappi*, *Delivery*, uma infinidade de empresas que se esparramaram no setor de serviços.



Isso ampliou profundamente a classe trabalhadora, a *classe-que-vive-do-trabalho*, que além de abarcar o operariado industrial e operariado rural, passou também a compreender os assalariados de serviços, os novos contingentes de homens e mulheres terceirizados, subcontratados temporários, intermitentes, que foram se ampliando porque, paralelamente ao neoliberalismo, à privatização, ao capital financeiro e ao mundo maquínico informacional digital, o capitalismo vivenciou uma *crise estrutural* profunda a partir de 1968-1973 e que se ampliou ainda mais em 2008/2009, o que levou aos capitais impulsionarem, em escala global, *um enorme processo de corrosão dos direitos e das condições do trabalho*.

Desse modo, os capitais vêm realizando em escala global a destruição de toda a regulação do trabalho, começando pelo setor deste novo proletariado de serviços, porque o proletariado industrial conseguiu leis trabalhistas ao cabo de muitas lutas. O proletariado rural conseguiu leis sociais e trabalhistas à custa de muitas lutas. Mas o proletariado de serviços ingressa na *fase mais destrutiva do capitalismo*, a fase que marca a viragem do século XX para o século XXI, onde a devastação dos direitos do trabalho passa a ser o imperativo crucial do neoliberalismo.

Friedrich Hayek já dizia no livro “O caminho da servidão” que os sindicatos de classe, os sindicatos comprometidos com a classe trabalhadora, deveriam ser destruídos ou transformados em sindicalismo burgueses e de conciliação. Por quê? Porque adentrávamos então num período de *crise estrutural do capital*, no ciclo novo que eu caracterizo como de *precarização estrutural do trabalho em escala global*, que atingiu também o setor de serviços.

Por exemplo, os trabalhadores de telemarketing, ou trabalhadores e trabalhadoras, porque aí é forte a presença feminina. Lembrem-se que o trabalho tem que ser sempre lido na *dimensão social, sexual, racial e étnica*. Só então nós compreendemos a classe trabalhadora na sua forma ampla e heterogênea. Então nós começamos a ver as trabalhadoras de *call centers* e telemarketing, que passavam a ser cada vez mais precarizadas; os trabalhadores das tecnologias de informação e comunicação; os trabalhadores dos bancos, que tiveram lutas importantes, começaram a ver, com o desenvolvimento técnico-informacional-digital, os computadores, toda essa parafernália digital dentro dos bancos, e eles começaram a ver o processo de ampliação das terceirização.

O mesmo movimento de precarização atingiu a indústria de *fast-food*. Pense nos *McDonald's*, *Burger King*, no Brasil e no exterior, nos trabalhadores jovens dos grandes hipermercados, como *Carrefour*, *Wal-Mart*, nos trabalhadores e nas trabalhadoras da indústria de turismo, porque um dos traços do capitalismo dos últimos 40, 50, 60 anos foi a explosão, com a mundialização da economia, com a mundialização do capital, a explosão do setor de turismo.

Barcelona por exemplo, era uma cidade quase sem importância turística global até quando lá ocorreram as olimpíadas. Eu visitei várias vezes Portugal e, antes de 1980, Portugal e Espanha eram países do sul da Europa, bastante isolados do mercado do turismo. Hoje se você vai a Portugal, se você vai à Espanha, se você vai à Barcelona, norte



da Espanha na Catalunha, se você vai a qualquer país do mundo, uma das indústrias que mais se desenvolveu nestas últimas décadas foi a indústria de serviços de turismo, hotelaria (assim como, mais recentemente, nos últimos 5, ou 7 anos, vem se expandindo o trabalho uberizado nas plataformas digitais que falaremos adiante).

O resultado é que a classe trabalhadora viveu um processo de alta inserção no mundo técnico-informacional digital e, ao mesmo tempo, de alta precarização, porque a legislação social protetora do trabalho mundialmente começou a ser destruída. No caso brasileiro, as evidências são muito grandes. Para não falar do período do governo Collor, Fernando Henrique, depois do período do PT, vamos só falar do governo Temer pra cá.

Veja-se a *contrarrevolução preventiva* que levou o Temer ao poder; Temer foi posto no poder por um golpe para tomar quatro medidas. A primeira foi a terceirização total. A segunda foi a PEC do fim do mundo, esta PEC que nos jogou hoje na pandemia, no caos completo, e que hoje é governada, comandada por um governo, por um pandemônio. Pandemônio é uma figura de um poeta inglês *John Milton*, do século XVII, e ele chamou de pandemia as maquinções que faziam as cúpulas que comandavam o inferno. É exatamente o que nós estamos vendo no Brasil e em grande parte do mundo hoje. O pandemônio dos Estados Unidos, o pandemônio na Inglaterra, o pandemônio na Bielorrússia e o pandemônio nesse caos completo nós estamos hoje, é inaceitável. Alguém vai ter que pagar por isso quando as contas forem cobradas, estamos chegando a muitos milhares de mortos por uma pandemia que foi abandonada como “uma gripezinha” pelo governo autocrático brasileiro, foi abandonada pelo governo norte-americano, pelo fascismo do império. E hoje estamos vendo: o Trump poderá perder as eleições por conta da pandemia que ele disse que não existia.

Assim, nós tivemos uma explosão desse proletariado, de tal modo que a classe trabalhadora hoje, ou proletariado brasileiro hoje, é composto pelo proletariado industrial, agrícola e dos serviços e, como isso se interconectou, não são mais três setores isolados, mas profundamente conectados, os círculos se interseccionam: nós temos o proletariado industrial, o proletariado da agroindústria, o proletariado de serviços, seja dos serviços industriais, aqueles que se realizam os serviços dentro das fábricas, seja da indústria de serviços, indústria de transportes, indústria de turismo, indústria de hotelaria, indústria de *call center*, telemarketing, plataformas digitais.

Isso criou um novo proletariado no setor de serviços que, ao contrário do que diria uma leitura vulgar que alguns fazem do Marx, ele já antecipava a possibilidade de alguns setores da indústria de serviços se tornarem produtivos. No capítulo 1 d'O Capital, especialmente no capítulo 14, e no volume 2, quando Marx trata da esfera da circulação (além do chamado Capítulo VI-Inédito, espetacular, que está parcialmente diluído n'O Capital, mas que não foi publicado na íntegra, foi nestas obras que Marx definiu o trabalho produtivo.

O que é então o trabalho produtivo para o capital? Marx não está falando do que é *trabalho produtivo para humanidade*, ele está dizendo o que o capitalismo, ou mais abrangentemente ainda, o *sistema do capital entende como produtivo para o capital*: primeiro é aquele trabalho que cria mais-valia; segundo é aquele trabalho pago por



capital-dinheiro e não por renda; terceiro é aquele trabalho que é social, complexo e combinado. Diz o Marx no capítulo 14 e também no capítulo VI, que *não é mais o trabalho individual, não é mais o operário individual que se converte no agente real do processo de trabalho no seu conjunto, mas uma capacidade de trabalho socialmente combinada*. Ou seja, nasce a força do trabalho social, o trabalho social é aquele complexo e combinado. Quarto, diz o Marx (e isso é muito importante, tanto no capítulo 14 do volume 1, quanto no Capítulo VI-Inédito e ainda nos volumes 2 e 3 d'O Capital): “não importa se o produto do trabalho é material ou imaterial, não é isso que caracteriza o que é produtivo, e sim se ele gera ou não mais-valia”.

Marx cita o exemplo do professor, o professor que dá aula numa escola pública e que ensina e educa os alunos, mas é improdutivo para o capital, porque ele não está criando lucro, nem mais-valia; nem lucro que é uma coisa, nem mais-valia que algo diferente e mais complexo. Mas o Marx diz *esse mesmo professor é produtivo se ele der aulas numa escola privada, que visa exclusivamente o lucro, como qualquer fábrica de salsichas*. Esse é o comentário paralelo que o Marx faz: “este professor que dá aula numa escola privada gera mais-valia para os donos, ou para os acionistas, como inclusive hoje se esparramam pelo Brasil, em que mais de 70% do Ensino Superior tem matrícula nas faculdades privadas. Isso mostra a força econômica do ensino privado superior.

O quinto ponto que Marx indica é que um trabalho idêntico pode ser produtivo ou improdutivo, *dependendo não do conteúdo do trabalho, mas das relações sociais e da forma social que plasma esse trabalho*. O exemplo do professor: eu posso dar a mesma aula numa universidade pública, mas se der a mesma aula numa escola faculdade privada, eu estarei gerando lucro e mais-valia.

A mais-valia por certo *nasce na produção*. Marx tem claro no volume 1 que é no processo amplo da produção que nasce a mais-valia; mas Marx nos ensina que a produção implica no consumo, o consumo depende da produção e a produção da troca, distribuição, circulação. Isso tudo enfeixa a totalidade da produção: produção, troca, circulação e consumo. No volume 2 d'O Capital Marx vai dizer que algumas indústrias especiais, como indústria de transportes, indústria de armazenamento, como elas são vitais para a produção capitalista (se eu não tiver transporte como é que eu círculo a mercadoria e a força de trabalho; se eu não tiver armazenamento como é que eu armazeno produtos perecíveis) e, conseqüentemente, como elas criam mais-valia. Eu desenvolvi estes pontos no livro *O Privilégio da Servidão*, especialmente no capítulo 2.

E, por fim, o que é fundamental entender, o sexto ponto: há um *processo de produção dentro da circulação* em alguns setores especiais no século XIX, porque, por exemplo, uma indústria de transportes ferroviários, marítimos e/ou rodoviários faz a circulação de pessoas, de produtos, mas ela gera um processo de produção dentro delas.

A pista, então, de nossos estudos hoje é: qual é o *processo de produção* que existe dentro da indústria de turismo, que compreende todo o conjunto de trabalhadores e trabalhadoras (certamente é alta a presença do contingente feminino, é alto o contingente imigrante quando se vai para a Europa, é alto o continente negro nessa nova morfologia do trabalho). Assim parece se desenvolver um novo corpo social produtivo que está



gerando mais-valia, de tal modo que a indústria de turismo, a indústria hoteleira etc. são partes da cadeia produtiva geradora de valor hoje.

Então, o que fazer para que nós, professores e professoras da universidade pública, para que nós trabalhadores e trabalhadoras do turismo não nos tornemos uberizados como os trabalhadores os aplicativos hoje? Eu acabei de publicar um pequeno livro em formato *e-book* chamado *O coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*, em que mostro que a produção capitalista hoje é industrial, é agrícola, é agroindústria, é de serviços, são serviços industriais e também indústria de serviço, um complexo produtivo amplo, incluindo as plataformas que não param de se expandir.

E as plataformas hoje, os entregadores lutaram, no dia 1º de julho e no dia 25 de julho, porque eles não aceitam ser uberizados. E o que é ser uberizado? Ser trabalhador/a utilizando o maquinário informacional digital sem nenhum direito do trabalho. Se os trabalhadores e as trabalhadoras de turismo não quiserem se tornar uberizados, ou seja, perderem todos os direitos que lutaram para conseguir ao longo de décadas, terão que se organizar porque nós adentramos no pior período do capitalismo, que não é mais só destrutivo, mas um *capitalismo virótico e pandêmico*, como eu cito nesse meu livrinho: *o capitalismo virótico atingiu a sua fase mais brutal, é o capitalismo da letalidade e nós estamos obrigados a reinventar um novo modo de vida*.

Por fim, entender isso que eu chamo de indústria de turismo, entender o complexo do turismo implica entender o papel fundamental que ele tem hoje no enriquecimento privado de poucos e na proletarianização de muitos.

**PERGUNTA: “É correto considerar que o trabalho no turismo é muito mais estranhado do que nos demais setores devido ao componente de lazer envolvido na prestação do serviço turístico?”**

No trabalho dos trabalhadores entregadores de aplicativos, ou como eu prefiro, no chamado do trabalho uberizado, a inculcação ideológica, a manipulação neoliberal foi tão forte com a ideia de que ele é um empreendedor, de que ele é autônomo, de que ele é um empresário de si próprio, que eu diria que nessa categoria o estranhamento é ainda mais profundo porque, de algum modo, os trabalhadores e as trabalhadoras do turismo têm, com todos os limites, que eu sei que são enormes, algumas vinculações sindicais, que em alguns momentos pelo menos permitiram um certo tipo de apoio jurídico, senão político e organizacional e, sindicalmente falando, também em termos de consciência.

Este tema é muito difícil porque as condições do estranhamento ou da alienação, se quisermos trabalhar de modo mais abrangente, para que todos compreendam, são um processo complexo. Existem muitas atividades em que os trabalhadores, por exemplo, se imaginam como estando no topo do mundo e que, de um dia para o outro, pelas condições de precarização e de desmonte da legislação social protetora do trabalho, podem desaparecer.

Então, eu diria, do meu ponto de vista, naturalmente, pela experiência de ter trabalhado com vários setores, é muito difícil se dizer que um é mais alienado que o outro.



Vamos tratar, a alienação e o estranhamento, para efeito desse debate, como formas aparentadas. Seria complexo entrar numa diferenciação filosófica, que é muito importante, marxisticamente e marxianamente falando, mas que não cabe aqui. No plano mais geral, como alienação e estranhamento são um modo de ser, e sendo modo de ser eles são moventes, ora mais, ora menos, e essas oscilações atingem todas as categorias.

Um exemplo: a nossa categoria de professores. Tem muitos professores que se julgam “ah, eu sou professor doutor”, “eu sou professor disso”, “sou professor daquilo”, “eu não sou trabalhador, eu sou um intelectual”. Ele pode virar um professor uberizado, sem direito e aí ele vai ver que ele é trabalhador, e que se tornou um proletário da educação também.

Então, essa condição de alienação se diferencia em função não só da inserção categorial dos trabalhadores e trabalhadoras, mas das condições da atividade, nas condições do país. É possível que essa hipótese de que o setor de turismo tem esse componente de lazer, ele traga algum elemento, mas não necessariamente significa que a alienação é maior.

Último exemplo: eu tenho debatido muito, nesses últimos meses intensamente, que muitos trabalhadores, que achavam que o seu trabalho nos aplicativos era de autônomos, já sabem que hoje não são autônomos. Eles são proletários que vendem a sua força de trabalho. Isto é um aprendizado que se faz na ação concreta, na luta e na confrontação.

**PERGUNTA: “Estamos vendo no país a concessão de serviço em unidades de conservação, parques, exemplo de Foz do Iguaçu. Alguns técnicos dizem que o Estado não foi feito para gerir uso público, porém só recentemente essa ideia avança. O Estado poderá gerir para converter recurso para a população, já que a empresa privada vai em outra linha?”**

O Estado do nosso tempo é cada vez mais a forma política do capital. O Estado do nosso tempo é cada vez mais a forma política da gestão do capital. Agora é evidente também que o Estado sofre as pressões da luta de classes, da luta da classe trabalhadora, e é nesta pressão que a classe trabalhadora pode alcançar algumas conquistas como, por exemplo, o debate crucial hoje dos uberizados, que é o seguinte: eles querem ter melhores salários e ter direitos. E esse direito, ele vai obter tendo conexão com a CLT, ou ele sendo trabalhador autônomo? A pressão é sobre o Estado, porque quem define isso é uma legislação; o Estado pela via do executivo ou legislativo e referendada e aprovada pela constitucionalidade, não pelo judiciário, seja o judiciário do trabalho, seja o judiciário o supremo. Então, a pressão sobre o Estado tem que ser feita.

Nós que somos professores de universidade pública, nós estamos vendo a destruição que as universidades públicas, as federais em particular, vêm sofrendo. Mas nós não queremos entregar as universidades públicas para as faculdades privadas dizendo vai ser melhor, porque nós sabemos que a tragédia será muito pior. Então é preciso fazer pressão, mas sem cultuar o Estado, porque o Estado é um aparato preservador. Na crítica de Marx ao Hegel, que foi sua primeira crítica materialista, e que a



partir daí ele jamais abandonou: o Estado é uma entificação política do capital, enquanto tal, o Estado jamais será neutro; Estado jamais será um Estado que, dentro do capitalismo, vai olhar prioritariamente para a classe trabalhadora. Ele só fará concessões na medida em que for violentamente pressionado.

**PERGUNTA: “O turismo, enquanto eixo importante no capitalismo neoliberal, é um grande produtor do precariado. Como avalia a potência do cooperativismo de plataforma como alternativa a essa situação?”**

Eu entendo o precariado como aquele polo mais precarizado da classe trabalhadora, que, no caso brasileiro, é muito diferente do francês ou do italiano. *Por isso prefiro denominar como novo proletariado mais precarizado.* Na Europa, há uma clivagem muito mais clara entre o operariado herdeiro do *Welfare State*, que tem uma legislação social que lhe protege e o jovem proletariado que se autodefine como o precariado e está praticamente fora da legislação social protetora do trabalho.

Vamos pegar um caso bem concreto, porque o caso da indústria hoteleira é mais difícil de dispor. No caso da indústria do trabalhador por aplicativo, está em discussão hoje em países como França, Brasil e outros, em que medida os trabalhadores e as trabalhadoras de aplicativos, uberizados (neste caso a prevalência é de 93 quase 94% masculina, mas há um crescimento do trabalho feminino também, especialmente nas entregas se utilizando de bicicletas); é possível perceber o debate sobre as cooperativas mais autônomas de trabalhadores/as tentando uma alternativa às plataformas das corporações. É uma questão importante, mas não é uma questão simples, porque, além do boicote das grandes plataformas, que jogam pesado, há o risco de a cooperativa de trabalhadores acabar reproduzindo os valores, as lógicas e as gestões que acabam sendo aplicadas nas empresas ou nas plataformas privadas.

Então, é importante essa experiência? É! Eles estão estudando? Estão! Eu conheço vários exemplos. Eu já visitei várias fábricas ocupadas, como se chamam fábricas recuperadas, autogestionadas. Eu visitei várias. Por exemplo, na Argentina, visitei a Impa, em Buenos Aires, La Toma, que é um mercado que foi ocupado e é autogestionado em Rosário, além do Hotel Bauen, também em Buenos Aires. Conheci algumas na Venezuela. Tem a Flaskô, na região de Campinas, que luta para ser uma empresa estatal e sob controle dos trabalhadores.

O desafio maior é a gestão não se sucumbir ao modelo privado de gestão. Esse é o desafio maior. Por isso que eu penso que a proposta, a ideia de autogestão, ou de cooperativa é legítima. Marx saudou esse movimento no início nos séculos XVIII, XIX como sendo experiências muito importantes das classes trabalhadoras. Ele chegou inclusive a dizer que a cooperativa é um empreendimento do plano microcósmico do auto comando que a classe trabalhadora pode ter, mas ele também mostrou que as cooperativas por si só não conseguem transformar o capitalismo, porque elas não tem força para se generalizar e extinguir naturalmente o capitalismo. Neste caso, ao contrário, pois as plataformas são muito poderosas.



Eu uma vez visitei uma na Argentina, para dar esse último exemplo, que eles diziam: “professor, nós temos agora num dilema danado. Nós temos uma produção de x por mês e agora uma grande empresa transnacional fez uma proposta da gente produzir 10 vezes isso e passar a fornecer pra eles, mas pra gente passar a produzir 10 vezes o que a gente produz hoje, nós vamos ter que pedir financiamento para o setor financeiro”. Aí eu falei: “cuidado que pode ser uma estratégia da empresa contratar vocês, vocês se endividam e depois ela desconstrata e vocês ficam sem nada e ela quebra a experiência”. O capital é demoníaco, não tem outra expressão mais doce, para poder destruir tudo que é tentativa de criação autônoma da classe trabalhadora.

**PERGUNTA: “Como pensar a organização coletiva e de classe de trabalhadores do turismo quando o setor é formado por tantas áreas/setores (guias, hotelaria, agências, transportes, etc.)?”**

Não é só o trabalhador e a trabalhadora do turismo que são divididos. Praticamente todas as categorias profissionais, todas as atividades, têm profundas divisões. Na universidade, por exemplo, nós temos professores e os funcionários. São poucas as universidades que têm um sindicato único de professores e funcionários no sistema público, por exemplo, como são poucos os sindicatos que são iguais numa faculdade privada entre professores e funcionários. E se nós fôssemos dizer que se nossa organização sindical fosse por ramo de produção, os professores e os funcionários estariam no mesmo ramo da educação, mas como nós temos uma tradição, não por acaso, de organização por categoria, nós nos isolamos muito.

Vamos dar outro exemplo, que está explodindo com muita intensidade, muito positivamente, que é o dos trabalhadores de aplicativo. Por exemplo, há uma diferença entre os trabalhadores uberizados que trabalham por transporte de veículos privados *Uber*, *99*, *Cabify*, e em outros países, a *Lift* etc., e os trabalhadores e trabalhadoras de aplicativo de entrega de alimentos de produtos como *iFood*, *Rappi*, *Log*, *James*, *Glovo*, que estão esparramadas. Eu já vi dessas empresas na China, na Índia, na Europa, na América Latina, nos Estados Unidos, tem uma explosão de tudo isso.

O importante é que, ao mesmo tempo que a classe trabalhadora é muito heterogeneizada, ela é muito complexificada e muito fragmentada. E as empresas de aplicativos, assim como as empresas em geral, de turismo por exemplo, têm cultuado o valor o indivíduo, o individualismo. Nós corremos um risco enorme se nós aceitarmos passar a trabalhar em *home office*, em trabalho remoto, em teletrabalho, em condições normais. Eu deixo em aberto o debate em relação à excepcionalidade. Nós mesmos, para não sermos contraditórios com o que estamos falando, nós estamos usando o sistema digital para participarmos desse congresso, porque seria impossível fazer esse congresso hoje.

E uma segunda coisa importante que eu penso também é que as esquerdas aprenderam a usar como instrumento de debate, de consciência, o mundo digital, eu digo com franqueza, há cinco meses, eu não tinha a menor ideia do que era uma *live*. Eu ficava



pensando “como é que possível o cara estar no escritório dele e o mundo inteiro estar vendo?”. E por que que eu não sabia? Porque eu fico estudando, fico pesquisando. Eu não tenho nem idade para fuçar o mundo digital mais. Mas eu aprendi fazer. De março pra cá, eu devo ter feito mais 100 *lives*. Eu não posso me queixar do público que eu tenho, eu tenho leitores, admiradores, amigos que acompanham meu trabalho, dezenas de alunos e alunas que eu formei ao longo desses anos, desde 1986, quando eu criei um grupo de pesquisa da Unicamp, o “Grupo de Pesquisa e Estudo no Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses”, são dezenas, quase uma centena de colegas, professores e professoras que eu criei. Mas eu tenho conseguido falar nessas *lives* para um público muito amplo. Porém nós sabemos que se o professor começar a fazer ensino a distância, ele sai do espaço de sociabilidade. Ele talvez não tenha a consciência do debate coletivo, de que ele tem um colega. Ele talvez não discuta: “eu tô trabalhando, tô dando muita aula aqui, você também?”, “Reduziu o teu pagamento?”, “Reduziu por quê?”, “A empresa não explicou”. “Teve demissão?”, “Teve”. “Vamos resistir coletivamente”. Como é que você faz uma greve digital? É muito difícil. Sempre é mais fácil você furar a greve, ter furadores de greve, quando você não tem a força coletiva. E a força coletiva é a força da consciência.

No “Sentidos do trabalho” e especialmente no “Privilégio da Servidão”, eu digo que o mesmo capitalismo que heterogeneiza, fragmenta, complexifica, individualiza e invisibiliza a classe trabalhadora, ele homogeneiza a classe trabalhadora pela sua precarização. Se nós não lutarmos contra a destruição capitalista, se a humanidade não reinventar um novo modo de vida para além dos constrangimentos do capital, nós vamos perceber a tragédia em que nós vamos nos encontrar. Nós corremos o risco de todos, no turismo, na universidade, na medicina, nos hospitais, no sistema judicial, nós corremos o risco de nos tornarmos todos trabalhadores e trabalhadoras uberizados.

Aliás, o Guedes acabou de dizer, semana passada, que vai avançar para o sistema de relação de trabalho em que “quem trabalha recebe, não trabalha não recebe”. Isso é uberização: trabalha e recebe e se não trabalha, não recebe. Mas e o direito ao trabalho? “Ah, é coisa arcaica!” Quando me perguntam: “professor, mas a CLT não é antiga?” É antiga, sim. A CLT foi outorgada em 1943, embora ela tenha muitas legislações que foram adicionadas a elas nos últimos anos 50, 60, 70 anos.

Só que o que querem nos impor não é uma legislação antiga, é a escravidão arcaica, ou seja, é voltar ao século XVI. Como nós estamos batalhando para preservar o mínimo, eu acho que o nosso desafio é ampliar a CLT. É criarmos um código protetor do trabalho que proíba o trabalho informal no Brasil. A pandemia chegou no Brasil e pegou 40% da nossa classe trabalhadora na informalidade. É ela quem está morrendo.

Vamos finalizar com algo muito importante: é a coletividade, é a coesão, é a consciência, a organização e a resistência que criam o coletivo, e a força da classe trabalhadora é uma só, seja ela do turismo, seja da universidade, seja médica, seja do aplicativo, seja metalúrgica ou trabalhadora rural, a nossa força é a força coletiva. É isso que nós temos e é isso que o capital não tem.



## THE METAMORPHOSES OF THE WORLD OF LABOUR AND THE SERVICE/TOURISM PROLETARIAT

### Abstract

This presentation intends to indicate some of the main trends that are occurring in the world of work and in particular, in what we call the new service proletariat.

**Keywords:** new service proletariat; new labor morphology; service and value; tourism industry.